

FRAGMENTO DE VASO VIDRADO A VERDE DA ESTAÇÃO ROMANA DE TRÓIA (SETÚBAL)

Por

MARIA ADELAIDE GARCIA PEREIRA

NOTA PRELIMINAR

Desconhecem-se ainda muitos dos aspectos da civilização romana em território português, quer porque grande parte dele não foi ainda objecto de uma exploração metódica e cientificamente orientada, quer ainda porque muito do material já recolhido (quantas vezes mais com espírito de coleccionador de «antiguidades» ou «curiosidades», do que de arqueólogo), se encontra inédito e mesmo esquecido em colecções particulares ou em armazéns de museus. Porém, não nos podemos permitir pôr de parte esse material, baseados no argumento — válido em si — de que desconhecemos completamente o contexto arqueológico a que pertence e que, portanto, poucas ilações dele podemos tirar. Julgamos mais construtivo, dar notícia da existência do material à medida que com ele contactamos, a fim de obstar a falsificações de perspectiva, que poderiam conduzir o investigador a erro, como acontece muitas vezes, quando este se baseia no argumento «ex silentio».

A obra de publicação do material ceramológico que, a nosso ver, se impõe em Portugal, pode, por enquanto, não aspirar a grandes perfeccionismos, a prodígios de classificação. Basta que inclua uma descrição, tanto quanto possível fiel, das características da peça, um desenho ou fotografia que complete essa descrição, e uma tentativa

de integração tipológica, que pode levar a uma datação, nem sempre muito segura, mas com certa aproximação, dada a comparação com peças semelhantes provenientes de contextos bem estudados ⁽¹⁾.

É esta a finalidade que temos em vista, e são estas as limitações conscientes do nosso trabalho, ao publicarmos mais um fragmento de taça em cerâmica romana vidrada a verde, proveniente de antigas escavações de Tróia de Setúbal, e que vem acrescentar mais um elemento ao restrito panorama de achados deste tipo de loiça em território português ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Esta obra revelar-se-ia utilíssima, se incidisse sobre todos os tipos de cerâmica, desde as ânforas, à «Terra Sigillata». Qualquer hipótese que esclareça um pouco as incompletas e nebulosas informações que nos dão as fontes escritas clássicas que se referem ao nosso território sobre a vida material dos seus habitantes durante o período da dominação romana, a sua vida económica, as suas relações comerciais e políticas com o centro do Império e com as outras Províncias, necessita absolutamente do apoio dos testemunhos arqueológicos, dos quais a cerâmica, é, como é sabido, um dos mais importantes, quer pela sua resistência à acção do tempo, quer pela sua variabilidade e adaptabilidade às circunstâncias, que permitem em muitos casos uma datação com uma margem de poucos anos, quer ainda pela sua íntima relação (na qualidade de recipiente), com actividades económicas, tais como a agricultura e o comércio. Por outro lado, nas suas variedades mais finas com os campos do artesanato e até da actividade artística, visto que reflecte correntes estéticas suas contemporâneas, na preocupação de agradar a consumidores que participavam no gosto do seu tempo.

Um estudo desta envergadura (que não excluiria investigações novas com base em escavações), implica, como é evidente, um trabalho de equipa.

⁽²⁾ De facto, o número de exemplares deste fabrico encontrados no nosso território, é reduzido mas tem vindo a aumentar nos últimos anos. Nestas condições, as peças vidradas a verde cuja existência conhecemos, são as seguintes: — oito fragmentos provenientes de Lobeira Grande, referidos por Nunes Ribeiro, «Breve Nota sobre a Estação Romana de Lobeira Grande (Beja), in *Publicações do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Coimbra 1957, VIII.

— Um vaso de Farrobo, publicado por Freire de Andrade «Sepultura n.º 20 do Cemitério Lusitano-Romano de Farrobo» in *Arquivo de Beja*, XIX-XX (1963) pp. 155-123; Freire de Andrade e O. Veiga Ferreira, «Um Vaso Lusitano-Romano com Vidrado de Chumbo, Encontrado no Monte de Farrobo, Rio de Moinhos», in *Revista de Guimarães*, LXXVII (1967) pp. 119-114; J. Alarcão, «Une Coupe à Fond d'Or Découverte à Farrobo, Portugal», in *Journal of Glasse Studies*, X (1968) pp. 74-75; Almargro Corbea, «Nuevas Aportaciones para el Estudio del (Aljustrel)», in *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV (1966-67) pp. 213-223.

— Um Skyphos e um tinteiro, de Conimbriga, referidos por H. Comfort, «Roman Ceramics in Spain: an Exploratory Visit» in *Archivo Español de Arqueología*, XXXII (1861), p. 13; Alarcão, op. cit. e por Horta Pereira «O Dolium Cinerário, com Skyphos Vidrado a Verde, da Necrópole de Paredes (Alenquer)» in *Conimbriga*, IX (1970) pp. 49-54.

— Um «Skyphos» de Paredes, publicado por Horta Pereira, op. cit.

A cerâmica vidrada da época romana, caracteriza-se por apresentar pasta clara (quase branca, cinzenta ou «beije»), por possuir paredes relativamente finas, e pelo facto de uma ou ambas as faces dos vasos pertencentes a esta categoria estar recoberta de um vidrado, cuja cor pode passar por muitas tonalidades de verde ou ainda ser amarelada, ou castanha-esverdeada. O vidrado da face interna, quando existe, é geralmente mais delgado, e de tom amarelado, cor de caramelo, ou mesmo acinzentado.

Uma das substâncias mais utilizadas para obter esta cobertura de vidrado, foi o chumbo e os seus compostos. Estes fundem a temperaturas relativamente baixas, que permitem a sua aplicação sobre argilas vulgares, e, adicionando-se-lhes óxidos metálicos, sobretudo os de cobre, adquirem facilmente a cor verde. Não se conhece com exactidão a origem desta técnica, ainda que seja muitas vezes atribuída ao Egipto⁽³⁾, onde dataria ainda de época Pré-histórica, e de onde teria irradiado para Susa (cerca do III Milénio) e daí, para a Síria e Pérsia. A Grécia clássica, nunca adoptou este processo, e apenas no período helenístico, com a deslocação para o Egipto da vida cultural, artística e económica, ele renasceu, mas utilizando uma técnica um pouco diferente, que consistia na aplicação de sílica e de sódio e da qual resultava uma cor verde clara, mas nunca uma superfície uniforme, observando-se frequentes manchas nos produtos desta região⁽⁴⁾.

Por outro lado, a partir do século I a.C., no Próximo Oriente, começou-se a usar o vidrado de chumbo em mais larga escala. Conhecem-se centros de fabrico, como Tarsus⁽⁵⁾ (onde foram recolhidos fragmentos de molde para a confecção de skyphoi), Notion (perto de Efeso), Tschandarli (petro de Pergamo), todos na Ásia Menor. Em seguida, o vidrado verde parece ter-se também estendido ao território da Itália, mas ignora-se a localização exacta dos centros de fabrico,

(3) Courby *Les Vases Grecs à Reliefs* in Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, n.º 125, pp. 499 ss.

(4) Courby, Op. cit., pp. 500-502.

(5) Jones, F. F., *Pottery, in Excavations at Gözlü Kule, Tarsus I, The Hellenistic and Roman periods* Dir. de H. Goldman, vol. I (Text) e vol. I (Plates), Princeton, 1950, pp. 191-196. Passaremos a citar esta obra por Tarsus I.

embora se saiba seguramente que produziram lucernas, pequenas figuras e possivelmente taças com decoração em relevo (6). Em meados do século I d.C., também na Gália foram manufacturados vasos deste tipo, em Saint-Remy-en-Rollat, Vichy e Gannat (7). A oficina de Saint-Remy-en-Rollat, parece ter tido um período de actividade breve, ao qual corresponde uma produção bastante homogénea, de paredes espessas e pasta fina, esbranquiçada. As faces eram cobertas por um vidrado de cor amarela ou amarelo-esverdeada, pouco resistente. Formas típicas deste centro, são taças e jarras de reduzidas dimensões, assim como pequenas figuras de animais. Os produtos dos outros dois centros eram do mesmo tipo, e em Vichy, encontrou-se um número relativamente elevado de fornos. Mais tarde, também na Gália Central, em Lesoux, se manufacturou ao menos um tipo de jarra com relevos aplicados, e uma cobertura vidrada verde-oliva (8). Encontram-se também na Renânia vasos vidrados a verde malaquite, cujo local de fabrico pode ter sido o actual território da Bélgica, ou a Alemanha.

Os vasos de metal parecem ter sido a principal fonte de inspiração desta loiça. Esta preocupação por parte dos oleiros de imitarem os vasos em metais ricos, utilizando contudo uma matéria-prima económica, insere-se num conjunto vasto de tentativas semelhantes (um exemplo das quais é a «Sigillata» em quase todas as suas variantes), sendo esta no entanto, talvez a mais bem sucedida, visto que a brilhante cobertura vidrada em tons de verde ou amarelo fazia este tipo de cerâmica assemelhar-se mais que qualquer outro, aos protótipos de metal. Por outro lado, a cor do vidrado, assim como a sua textura e brilho, era incontestavelmente uma novidade, relativamente aos vasos seus contemporâneos e à tradição da loiça negra ou vermelha, de superfície de uma forma geral lustrosa, mas não vítrea. Contudo, este aspecto novo, exigia um processo de fabrico de certo modo moroso (9) que tornava o seu preço pouco acessível (10) e que fez que

(6) Charleston, *Roman Pottery*, London 1955, p. 24.

(7) Dechelette, *Les Vases Ornés de la Gaule Romaine*, I, Paris 1904, pp. 42 s, 49 e 60 s.

(8) Dechelette, op. cit., II p. 169 s.

(9) Sobre o processo de fabrico, cfr: Toll, *The Green Glazed Pottery*, in *The Excavations at Dura-Europos*, Final Report, Part I, fasc. 1, (1943), pp. 1-4; Charleston,

esta cerâmica nunca fosse muito comum nos territórios junto à bacia Central e Ocidental do Mediterrâneo, onde nunca foi de uso quotidiano.

Talvez pelas características de cerâmica até certo ponto de excepção a que nos referimos, não apresenta formas exclusivamente suas nem uma gramática decorativa que lhe seja própria. Alguns autores apresentam contudo uma resenha de formas, como é o caso de Charleston ⁽¹¹⁾ que afirma ser o Skyphos a forma mais comum, referindo-se contudo igualmente a jarros com duas asas, taças com pé, tinteiros e pequenas jarras (askoi). Para a Península Ibérica, Ribas Beltran ⁽¹²⁾, traça um inventário das formas, que deixa entrever uma grande variedade.

Para além dos vasos lisos, muitos apresentam decoração em relevo, que pode ser moldado, aplicado ou executado em «barbotina». Os motivos decorativos mais comuns, são vegetais ou geométricos, mas também se conhecem representações de figuras humanas. Em Tarsus ⁽¹³⁾ (um dos primeiros centros de fabrico da loiça vidrada a chumbo, como vimos), estão presentes os dois tipos de representações, em relevo moldado, mas as peças em que figuram motivos vegetais

op. cit., p. 24; Lucas, «Glazed Ware of Egypt, India and Mesopotamia», in *Journal of Egyptian Archaeology*, XXII (1936) pp. 154 ss; F. F. Jones «Rhosica Vasa», in *American Journal of Archaeology*, (1945), p. 47. Esta autora, refere a propósito da técnica de vidrado, um dos factores que devem ter tornado esta cerâmica pouco frequente, e que era o possível envenenamento pelo chumbo dos oleiros, Mesmo que se tratasse de escravos, o prejuízo acarretado por um destes acidentes, devia ser grande. Horta Pereira, op. cit., pp. 53 s. Jones, Tarsus I, pp. 93 s.

⁽¹⁰⁾ Jones, op. cit., pp. 45-51, tenta identificar este tipo de cerâmica com os Rhosica Vasa, que Atticus encomendara a Cícero que se encontrava em Laodiceia, e que respondera a este pedido: «Rhosica vasa mandavi. Sed heus tu! quid cogitas? in felicitas lancibus et splendidissimis canistris holusculis nos soles pascere; quid te in vasis fictilibus oppositum putem? (Cícero, Ad. Att., VI, 1, 13). Para além da tentativa de atribuição, interessante, mas que por enquanto continua como hipótese de trabalho, este estudo tem o mérito de chamar a atenção para mais um texto clássico, no qual podemos voltar a constatar o desprezo dos romanos social e economicamente favorecidos, pelos vasos de barro. Se, porém, Atticus se referia de facto aos vasos vidrados a chumbo, este interesse da sua parte, pode ser significativo do carácter de novidade e de excepção desta loiça, em 50 a.C., data atribuída a esta epístola.

⁽¹¹⁾ Charleston, op. cit., p. 15.

⁽¹²⁾ Ribas Beltran, «Cerâmica Vidriada Romana en Mataró», in *Pyrenae*, I, pp. 155-171, Barcelona 1965.

⁽¹³⁾ Jones, Tarsus I, p. 193.

feitos por meio de «barbotina», têm sido recolhidas em contextos do século I d.C. (14).

Como vimos, os vasos vidrados a verde, não parecem ter sido uma personalidade própria, socorrendo-se de formas e de processos decorativos pertencentes a outras categorias. A peça que analisamos, apresenta uma decoração vegetal feita por meio de «barbotina», em relevo acentuado. Essa decoração assemelha-se muito (abstraindo, evidentemente, da cobertura), da dos chamados «vasos de fantasia com decoração de barbotina» (15), produção que se costuma incluir na categoria dos «vasos de paredes finas», embora dela se distinga pela maior espessura das paredes (2-3 mm), pela qualidade da pasta e pela técnica. É neste tipo de cerâmica que encontramos paralelos para a decoração da peça analisada, e todos eles se referem a vasos que se colocam cronologicamente na segunda metade do século I d.C.

DESCRIÇÃO DO FRAGMENTO :

Forma — Fragmento de lábio com leve saliência, e de parede lateral de vaso de forma cilíndrica.

Diâmetro aproximado ao nível da boca (16) — 130 mm.

Espessura média da parede — 4 mm.

Pasta — Rosa acastanhada clara, de grão muito fino, com pequeníssimas impurezas brancas. Dura e sonora. Junto à face interior, é cinzenta clara.

Cobertura — Face externa : vidrado verde-oliva acastanhado, espesso, acumulou-se em vários pontos, sobretudo junto aos relevos,

(14) Cfr. M. Almagro e L. R. Amorós, «Excavaciones en la Necropolis Romana de Can Fanals de Pollentia (Alcudia, Mallorca)», in *Ampurias*, XV, XVI, p. 247, Barcelona 1953-54 — Um vaso vidrado a verde, com decoração feita em «barbotina», em «pinha» ou «alcachofra», datado por uma moeda de Augusto.

(15) Comfort, «Some Roman Barbotine Bowls and Their Connections», in *The Art Bulletin*, XXI, pp. 272-279, (1939); Gagnière Granier, Perrot, «Sépultures à Incineration du I Siècle à Tavel (Gard)», in *Gallia*, XIX, p. 236 (1961); Jodin; *Les Établissements du Roi Juba II aux Îles Porphyraires (Mogador)*, Tânger, 1967, p. 102.

(16) O diâmetro é calculado por um processo geométrico que dá uma medida aproximada mas não rigorosamente exacta.

onde tomou um tom mais acastanhado. Face interna: vidrado verde-oliva amarelado, muito menos espesso do que no exterior. Por baixo do vidrado, nota-se uma camada cinzenta clara, arenosa, frágil, pouco espessa, que funciona como um engobe (17).

Decoração — Em relevo acentuado, feita por meio de «barbotina».

1) Feira de folhas ou botões de flor, vertical, perpendicular ao lábio.

2) Feira de pontos, paralela à anterior.

3) Pedúnculos alongados, em posição simétrica à dos botões ou folhas acima referidos.

Paralelos — Na bibliografia consultada, procurámos decorações executadas por meio de «barbotina», que apresentassem as seguintes características:

1) Um esquema decorativo, em que os componentes estivessem dispostos na vertical, desligados uns em relação aos outros.

2) Nenhum elemento que dividisse o conjunto decorativo em relação à zona superior do vaso e ao bordo.

3) Linhas de pontos que fizessem parte integrante da decoração, não tendo portanto como função meramente a delimitação da zona decorada.

4) Folhas ou botões do mesmo tipo das do fragmento analisado.

Charleston (18), est. 55 — Provavelmente Sud-Galico, meados do século I d.C.

Gagnière, Granier, Perrot (19), fig. 237, n.º 2 — Meados do século I d.C.

Para além destes paralelos, provenientes de estações situadas junto à bacia do Mediterrâneo Ocidental, encontrámos na bibliografia respeitante a escavações do Próximo Oriente, outros que obedeciam a todas as características que enunciámos, excepto à primeira.

(17) Ribas Beltran, op. cit., pp. 162 s, descreve um banho de engobe ou pintura muito diluída de argila branca leitosa, que constitui o fundo para o vidrado de alguns vasos de Mataró. É este, que sabemos, o único autor que refere a existência desta camada.

(18) Charleston, op. cit.

(19) Gagnière, Granier, Perrot, op. cit.

Jones, est. n.º 49 (20) — Síria do Norte, século I d.C. (elementos em friso horizontal).

Knipowitsch (21), fig. 25, p. 27, todos os exemplares e especialmente o número 5 — cerâmica da Ásia Menor, de época tardia. Desde a segunda metade do século I até ao século IV d.C. (Elementos decorativos em posição diagonal relativamente ao bordo).

Cronologia — Provavelmente, segunda metade do século I d.C.

Local de fabrico — Pouco podemos dizer de concreto, visto que os paralelos que encontrámos para este fragmento, têm sido recolhidos nos dois extremos do Império. Convém no entanto recordar que Tarsus, foi um centro de manufactura de vasos vidrados a chumbo, e que nessa mesma estação, foram encontrados exemplares de cerâmica decorada por meio de «barbotina», cujo conjunto recorda este fragmento que, no entanto, não se assemelha a nenhum dos vasos vidrados publicados no estudo sobre a cerâmica dessa estação. De resto, Jones, autora desse estudo, não parece inclinada a crer que os vasos barbotinadas de Tarsus sejam de manufactura local, pondo a hipótese de ter existido um grupo oriental destes produtos, que corresponderia «grosso modo» à bacia do Mediterrâneo Oriental, e ao Sul da Rússia. Ora, esta é precisamente a zona onde, desde meados do século I a.C. começou o fabrico da loiça vidrada de época romana. Por outro lado, as oficinas conhecidas da Gália (a outra região onde foram recolhidos paralelos para a decoração do fragmento de que nos ocupamos), não produziram cerâmica vidrada verde deste tipo, mas a hipótese de fabrico sud-gálico para vasos com características de pasta e cobertura semelhantes às da peça de Tróia, foi já posta por autores como Kern (22), Almagro e Amorós (23).

(20) Jones, Tarsus I (Plates).

(21) Knipowitsch, *Unter Suchungen zur Keramik römischer zeit aus den Griechenstädten an der Nordküste des Schwarzen Meers, I - die Keramik römischer zeit aus Olbia in der Sammlung der Ermitage*. Frankfurt 1929. Na p. 49 o autor afirma que esta peça n.º 5 é um pouco tardia, pela posição diagonal dos elementos decorativos, que parece ser «uma posterior evolução dos nossos bem conhecidos ornamentos florais».

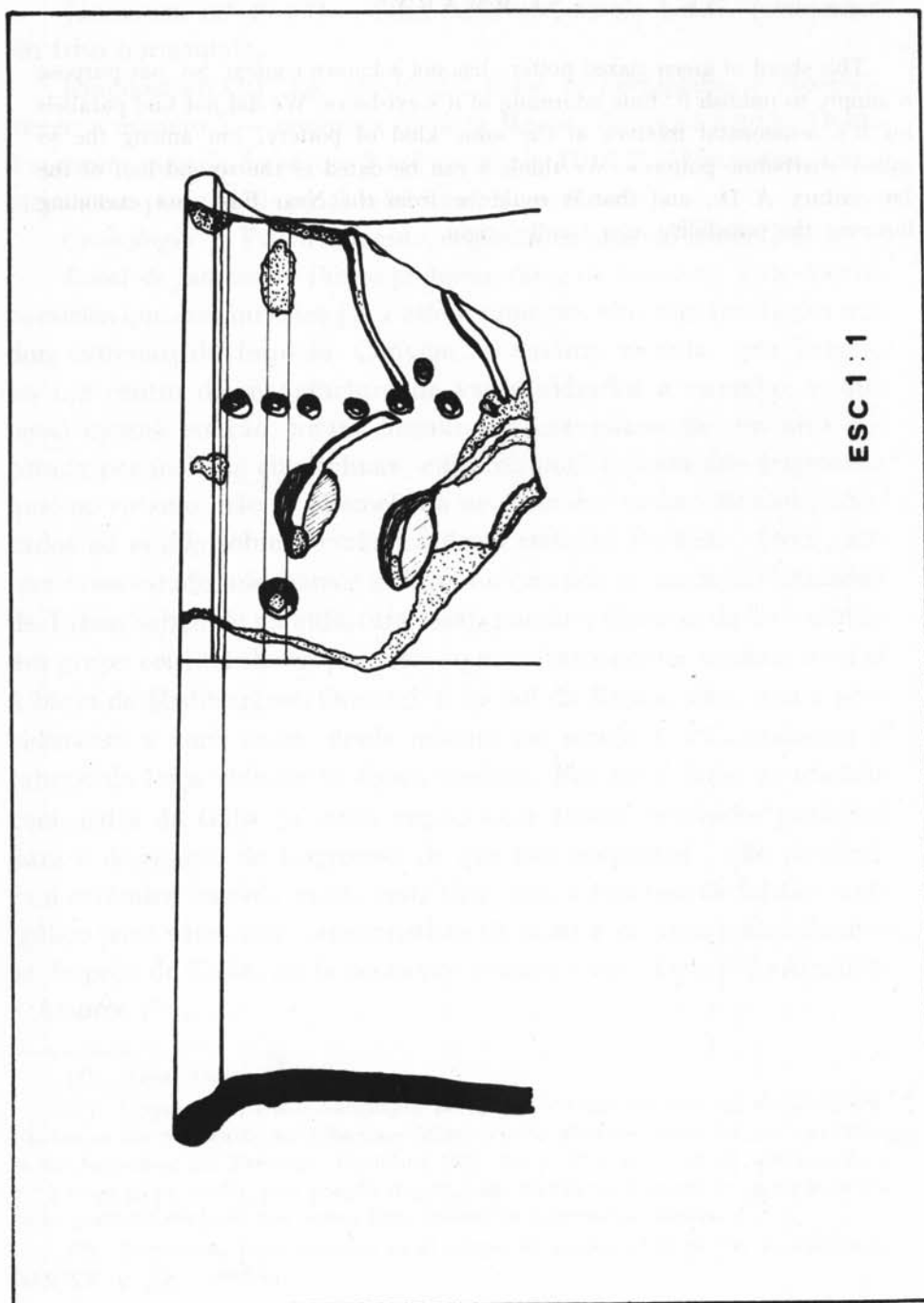
(22) Kern «Una Copa Romana en el Museo de Leiden (Holanda)», in *Ampurias*, XIX-XX, p. 236, (1957-58).

(23) Almagro e Amorós, op. cit., p. 253.

SUMMARY

This sherd of green-glazed pottery has not a known context. So, our purpose is simply to publish it, thus informing of its existence. We did not find parallels for its ornamental motives in the same kind of pottery, but among the so called «barbotine pottery». We think it can be dated of the second half of the 1st century A. D., and that it could be from the Near East, not excluding however the possibility of a Gaulic origin.





Fragmento de vaso vidrado a verde